

OS CONTOS DE GRIMM *

Barbel Gutzat

Quem não conhece Branca de Neve ou Chapeuzinho Vermelho, essas famosas figuras dos contos dos irmãos Grimm? Os contos dos irmãos Grimm são, além das obras de Marx e Engels, o livro alemão mais traduzido, tornando-se a literatura infantil mais popular em muitos países do mundo. Mas quem eram os irmãos Grimm? Jacob nasceu em 1785, Wilhelm um ano mais tarde. Neste ano comemoramos então o 200.º aniversário de Jacob e no próximo ano o de Wilhelm. Embora tivessem temperamentos diferentes eles viveram a maior parte da vida juntos e trabalharam juntos. Essa colaboração é um fenômeno singular na história intelectual da Europa, esse relacionamento intenso durante a vida inteira. O pai morreu cedo, e alguns anos depois também a mãe. Assim os irmãos mais velhos Jacob e Wilhelm tinham a responsabilidade pela família, pelos irmãos mais novos. Em 1802 eles começaram a estudar direito e depois aceitaram empregos como bibliotecários. Em 1830 os dois se mudaram para a cidade de Gottingen, onde trabalharam como professores na Universidade. Quando o rei desse estado suspendeu a lei fundamental, a constituição, os irmãos Grimm, com mais 5 outros professores formularam e assinaram um protesto contra essa decisão absolutista e arbitraria. O resultado do protesto foi que os 7 professores foram expulsos do estado e os irmãos Grimm voltaram para onde eles tinham trabalhado antes. Julgá-los politicamente parece difícil. Por um lado eram expulsos por causa deste protesto contra a suspensão da constituição. Mas, por outro lado, defendiam o STATUS QUO; eram nesse sentido muito conservadores e não

* Palestra proferida no II Seminário da Literatura Infantil da UFC, em novembro de 1985.

muito abertos para o presente. Mas através do conhecimento do passado eles tentavam recuperar a presunção dos alemães. Jacob, defendendo a monarquia, sendo legitimista era membro do primeiro parlamento alemão na igreja de Frankfurt em 1848. Lá ele agradecia o fato de os acontecimentos da revolução francesa não se repetirem. Ele era a favor de uma constituição burguesa, desejando a unidade da Alemanha, que naquele tempo era dividida em muitos pequenos principados. Mais velho, Jacob se tornava mais democrático, isso era a reação à decepção dessa tentativa parlamentar que não tinha sucesso. Em 1841 o rei da Prússia os chamou para Berlim como membros da Academia das Ciências e professores da Universidade. Lá morreram Wilhelm em 1859 e Jacob 4 anos mais tarde. Jacob era o mais sistemático, mais científico; os seus trabalhos valem mais cientificamente enquanto Wilhelm tinha um talento maior como poeta, como criador duma linguagem poética.

Quais são os méritos deles? Ouvindo o nome Grimm todo mundo pensa nos contos em primeiro lugar. Mas o renome deles não é baseado só nos contos, pois, além de colecionadores de literatura popular, eram editores, tradutores e pesquisadores. É menos conhecido o fato de que eles são considerados como pais das diferentes ciências. O seu trabalho dava fundamento para a lingüística, escreveram uma gramática alemã e livros sobre a história e o desenvolvimento da língua alemã, obras sobre mitologia, o direito nos tempos antigos, porque também tinham formação jurídica. Uma das obras principais era um dicionário com a intenção de colecionar e explicar etimologicamente todo o vocabulário alemão. Mas em vida eles chegaram somente até a letra "F". Depois da sua morte este projeto foi continuado e em 1960 o último volume do dicionário foi publicado. Para resumir, pode-se dizer que eles foram os fundadores da etimologia, da filologia da Idade Média, da história do direito, da história da língua, da ocupação científica com a literatura popular. O interesse que dominava todos os seus estudos era o interesse pelos tempos passados, especialmente pela Idade Média e antes. Para entender isto não como uma dedicação pessoal dos irmãos Grimm é necessário lembrar a época em que eles viveram. Receberam as primeiras impressões intelectuais durante o romantismo. Dentro desta corrente intelectual e literária existia a tendência de virar-se para trás, à Idade Média, de refletir e ocupar-se com aquela época.

Esse retorno ao passado pode ser explicado por diferentes motivos. A concepção filosófica do romantismo era baseada no idealismo alemão, por exemplo, na filosofia de Fichte. O destaque da emocionalidade pode ser avaliado como uma con-

tra-reação contra a racionalidade do iluminismo. E na Idade Média se vivia um tempo menos racional, com menos contradições; era a convicção de que no tempo passado o indivíduo era parte duma entidade social, que o homem não se sentia tão desligado, tão individual e solitário, mas fazia parte dum contexto maior, via-se o seu lugar na ordem do mundo, quer dizer, a individualização ainda não tinha começado. A idéia desenvolvida nessa altura da Idade Média era um ideal duma época em que o homem e a natureza não existiam separadamente, em que a intelectualidade e a emocionalidade não eram divididas, mas se unificavam no pensamento religioso, uma época em que a estrutura e a hierarquia da sociedade pareciam estáveis. Os românticos procuravam todas essas imagens no passado, porque o tempo atual mostrava o contrário. Era o tempo das guerras de Napoleão que vencia e ocupava toda Alemanha, eram anos duma depressão social e econômica. Para fugir desta situação miserável os intelectuais se viravam à Idade Média porque na sua imaginação aquela época representava tudo que faltava atualmente. Pode-se dizer que a ocupação com a Idade Média funcionava como uma utopia virada para trás. Além disso, a resistência contra a ditadura napoleônica causava uma onda de patriotismo, as características nacionais eram destacadas como reação contra a opressão de Napoleão. A nação politicamente forte que não existia na atualidade se encontrava ou pelos menos se imaginava na Idade Média. Por isso a tradição tinha um papel muito importante no romantismo e uma das tarefas principais tanto de um cientista como de um poeta/escritor era preservar os conteúdos e valores que eram trazidos através dos tempos. Neste contexto o povo era visto como o valor mais alto, mais autêntico duma nação e em consequência para os românticos a literatura popular e trazida oralmente era considerada como conservadora do espírito da nação, do povo nos tempos passados. Eles consideravam a literatura popular como expressão direta da alma do povo num passado que ainda não era caracterizado pela contradição entre a racionalidade e a emocionalidade, entre a classe dos cientistas e poetas/escritores afastados do povo e o povo não sofisticado. O povo na imaginação dos românticos não era dividido em diferentes classes, mas vivia numa união nacional, num espírito nacional e numa identidade entre o povo, o estado e a igreja. Nesse contexto a preferência dos irmãos Grimm pela Idade Média não era uma ocupação muito especial e pessoal, mas ficava dentro da corrente dominante nessa altura. Apesar da sua educação clássica e européia os irmãos Grimm eram fascinados pelo passado alemão, como todos os românticos.

Ocupavam-se com a língua porque na sua opinião ela representava a unidade nacional, só ela unificava a Alemanha que nesta época estava dividida em muitos principados. Mas além da significação atual da língua como fio unificador, a consideravam a essência do espírito do povo, da nação. Na língua viam-se conservados todos os valores nacionais, a mentalidade nacional, a língua abrangendo literatura, história, costumes, religião e direito como fio espiritual. Era, no entender dos irmãos Grimm, a língua que constituía a união de um povo, que é a expressão intelectual de uma nação.

Achavam a língua da Idade Média mais forte, mais expressiva, mas sensual e menos racional, achavam que no correr do tempo a língua tinha perdido muito do seu valor expressivo. É da língua que eles desenvolviam a idéia nacional. Viram os seus trabalhos e os seus estudos neste contexto: por um lado, como tarefa científica, por outro lado, a convicção pedagógica de desenvolver, de divulgar a idéia nacional, quer dizer, a intenção científica se misturava com a consciência educadora nacional de trazer de volta seu passado nacional aos alemães. Contra a humilhação durante a ocupação francesa por Napoleão, eles procuravam a imagem da grandeza e beleza passada da Alemanha. Porque eles estimavam demais a idéia do povo, interpretavam todas as tradições literárias orais como expressão da alma do povo, criada pelo povo. Orientavam-se numa concepção enfática do povo que os levava a um certo desprezo pela poesia profissional.

Os românticos que se preocupavam com a literatura popular iniciavam uma atividade intensa para colecionar todos os testemunhos literários do tempo passado, que eram trazidos oralmente como canções populares, lendas, contos. Os irmãos Grimm estavam bem dentro dessa onda, começando a colecionar canções populares. Mas um amigo seu, Achim von Arnim, já tinha começado antes a colecionar música popular, e por isso eles lhe deram a sua coleção para ser incluída no volume da coleção com textos e melodias das canções populares, editadas por Achim von Arnim. Foi esse amigo, um dos líderes do círculo romântico de Heidelberg, que sugeriu aos irmãos Grimm colecionar contos em lugar das canções. Deve ter sido em 1806 que os irmãos Grimm começaram a colecionar contos. O seu interesse não era uma coleção em si, mas eles estavam extremamente interessados nas raízes históricas, porque acreditavam que os contos fossem mais velhos do que as lendas de deuses e heróis. Julgavam os contos como os restos de uma poesia nacional remotíssima que era contada geração por geração, conservando assim as convicções velhíssimas do povo.

Para obter contos os irmãos procuravam pessoas velhas e numa carta Jacob disse que considerava as mulheres velhas do campo como melhores testemunhas, conhecedoras de contos bem antigos. Os irmãos pediram as mulheres para contar todos os contos que conheciam e anotavam tudo, palavra por palavra. Às vezes era difícil motivar estas pessoas a narrar os contos antigos. Como exemplo os irmãos relatam em carta aos amigos o caso de uma mulher velha da qual eles ouviram falar. Um dos irmãos viajou para a cidade onde a mulher morava. Ela estava doente e estava hospitalizada, mas não quis contar nada e a viagem foi em vão. Para ganhar o máximo possível dos contos os irmãos pediram ajuda dos amigos. Pediram que eles aproveitassem as empregadas velhas, uma vez que elas conheciam muitos contos. A maior contribuição para o primeiro volume dos contos deu, por exemplo, uma velha empregada de uma família amiga. Para o segundo volume uma camponesa contribuiu com a maior parte. Ela era descendente de uma família francesa de Hugenottes que foram expulsos da França por causa da religião. Por isso, alguns contos não são de origem alemã, mas se pode encontrar variações dos contos de Grimm na coleção francesa de Perrault. Foi por ironia do destino que, na busca para as raízes nacionais como reação contra a opressão francesa, os irmãos Grimm incluíram contos trazidos da França sem saber disso. Os anos 1811/12 foram o pique da atividade colecionadora, foram os anos mais frutíferos. Em 1814 Jacob fundou uma sociedade de contos com o objetivo de ganhar e organizar colaboradores. O primeiro volume dos contos foi publicado por ocasião do natal de 1812, o segundo dois anos depois. Na sua vida foram publicadas 17 edições, cada vez modificadas, e a última versão contém 200 contos das diferentes regiões da Alemanha. Os irmãos Grimm planejaram um terceiro volume, mas desistiram a favor de uma coleção de lendas alemãs. Os contos de Grimm são a primeira coleção sistemática e científica dos contos e até hoje trata-se da coleção mais competente de contos alemães. Pode-se descobrir conexões de motivos entre os contos de Grimm e a epopéia heróica germânica, as fábulas dos animais e contos romanos.

Como eu já mencionei, os irmãos Grimm procuravam pessoas velhas para narrar os contos bem antigos e anotavam tudo, palavra por palavra. Mas claro, foi necessário redigir os textos contados oralmente. Isso foi a tarefa principal de Wilhelm que comprovou seu talento narrativo a respeito disso. Conseguiu narrar num tom de contos, melhor do que todos os outros românticos. Possuía a intuição lingüística para contar de uma maneira ingênua e poética. É essa maneira narrativa, essa força

poética que causa a fascinação dos contos. Mas, quais foram os princípios da redação? Eles ligavam a maior importância a uma reprodução autêntica ao texto original, tentavam copiar o tom simples dos contadores populares. Por isso eles, por exemplo, condenaram a maneira de Clemens Prentano, o seu amigo, que também colecionava contos, mas usava-os só como estímulo para desenvolver um conto no seu estilo, ampliado pela sua fantasia. Isso eles não queriam, pois viam a sua tarefa mais como conservadores da literatura popular do que como poetas, criadores das obras literárias. O objetivo de Wilhelm na redação foi a idéia de reproduzir todos os contos no mesmo estilo e assim dar uma unidade à coleção. Ele realizou esse objetivo pelas seguintes alterações estilísticas sem mexer no conteúdo do original narrado:

1. Ele transformou o discurso indireto em discurso direto, e, assim, surgiram diálogos que fizeram a narrativa mais viva por um lado e, por outro lado, mais fácil para entender, porque os irmãos pensavam nas crianças como destinatários dos contos.

2. Com a mesma intenção Wilhelm tirou todas as palavras e expressões estrangeiras e evitou expressões idiomáticas usadas raramente e um vocabulário que não fosse muito coloquial.

3. Preferindo a parataxe, Wilhelm eliminou as construções hipotáticas para facilitar a compreensão e dar a impressão de um tom popular e simples.

4. Ele se referiu à linguagem infantil acrescentando repetições que existem nesta linguagem, como, por exemplo: Alguém bateu na porta e bateu e bateu.

5. No mesmo contexto tem que ser vista a inclusão das linhas rimadas nos contos. Essas rimas têm uma função dupla: a) imitar canções infantis e populares; b) ser mais fácil para lembrar.

6. Constantemente Wilhelm trocou o tempo do presente pelo pretérito. Isso destacou mais a antiguidade do conto, colocando os acontecimentos num tempo passado, num tempo remoto.

7. Para destacar o caráter antigo e popular Wilhelm usou sempre a mesma fórmula para a primeira e a última frases. "Era uma vez", são as primeiras palavras de quase todos os contos e eles quase sempre terminam com a frase: E se eles não morreram, ainda estão vivos até hoje. Essas fórmulas estereotipadas serviam para criar a unidade estilística dos contos.

Outras medidas que Wilhelm usou serviram ao objetivo de ampliar os contos, não no conteúdo, mas na maneira narrativa, quis realizar uma maneira narrativa mais épica porque a maioria dos textos originais era muito curta, limitada ao mínimo necessário como um abstrato da ação, do conteúdo. Por isso Wilhelm incluiu adjetivos, epítetos ornamentais para melhor caracterizar as pessoas. Ele fala, por exemplo, não só de uma princesa, mas de uma princesa belíssima. Também descreveu situações e lugares da ação mais amplamente, estimulando, assim, a fantasia dos leitores. Mas além disso a descrição mais ampla das circunstâncias tinha a função de aprofundar a caracterização das pessoas psicologicamente.

Resumindo, pode-se dizer que pela aplicação dos recursos retóricos aludidos, Wilhelm conseguiu uma maneira-modelo de narrar um compromisso entre a fidelidade científica da reprodução e o estilo narrativo popular. Pode-se falar de uma forma literária criada por ele.

Além da unidade lingüística criada por Wilhelm Grimm os contos têm certas características estruturais em comum, por exemplo, em muitos contos aparece o princípio duma estrutura tripla, uma ação repetida e variada três vezes. Todos os contos têm um final feliz. Embora eventos chatos, ruins aconteçam e coisas grotescas e feias sejam descritas, no fim tudo se torna feliz. Esse final feliz é baseado numa ética, a mais simples: finalmente o bem sempre vence e o mal é castigado. No mundo dos contos existe justiça no sentido em que o mal nunca tem uma chance de sobreviver, os seus sucessos são apenas temporários, mas o bem por causa da sua moralidade superior domina finalmente. Por causa desta mensagem moral o filósofo alemão Ernst Bloch classificou os contos como utopia de um mundo melhor. Mas na discussão sobre o valor dos contos existem outros pontos de vista. Concordando com Bloch na classificação como utopias, sociólogos observam nos tempos da depressão social e econômica uma avalanche de contos.

O futuro parece muito inseguro, o mundo não é mais transparente para o indivíduo, ele parece dominado em vez de dominar o mundo exterior, tudo isso causa um desejo de fugir da realidade através dos contos, porque eles falam de um mundo simples, falam de happy-ends que na realidade não são mais possíveis. Os contos falam da ânsia para um mundo melhor, das imagens utópicas e a ocupação com contos pode ser vista como fuga da realidade insuportável. O livro mais discutido nos últimos anos a respeito de contos é o livro do psicólogo Charles Bettelheim *Crianças precisam de contos*. Ele julga os contos de um ponto de vista psicanalítico, que o leva a de-

fender a necessidade dos contos para o desenvolvimento das crianças. Dizendo que contos são irrealis, porque eventos mágicos acontecem num mundo irracional, ele destaca que os contos não são falsos porque refletem o mundo interior das crianças, suas angústias, seus desejos e suas fantasias. O conto mostra quais passos são necessários para o desenvolvimento das crianças para a sua maturidade. Quer dizer, Bettelheim interpreta as ações exteriores no decorrer do conto como expressão de um processo psicológico da maturação e do desenvolvimento interior das crianças.

Mas independente das opiniões científicas sobre os contos pode-se constatar, em variação do título do livro de Charles Bettelheim *Crianças precisam de contos: Crianças gostam de contos!*